



DE VOLTA AO COMEÇO: ORIGENS DE UM GRUPO DE PESQUISA E A CONSTRUÇÃO CIENTÍFICA EM TORNO DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Back to the beginning: origins of a research group and the scientific construction around childhood education

Entrevistada

Eloisa Acires Candal **ROCHA**
Departamento de Metodologia de Ensino
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
thorla2011@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

Entrevistadoras

Juliana Schumacker **LESSA**
Departamento de Pedagogia
Universidade do Estado de Santa Catarina
Centro de Ciências Humanas e da Educação
Florianópolis, Brasil
julianallessa@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3884-8309>

Fabiana **DUARTE**
Secretaria Municipal de Educação
Prefeitura Municipal de Florianópolis
Florianópolis, Brasil
fduarte17@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-9329-0830>

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

A entrevista apresentada foi realizada com a Professora Dra. Eloisa Acires Candal Rocha da Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente está aposentada, é uma das pesquisadoras fundadoras do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN). A pauta central desta entrevista perpassa por abordar o papel do grupo de pesquisa desde seus princípios fundadores, sua origem no curso de graduação e sua história como parte da inauguração de um campo na pesquisa em educação, da educação infantil até as interrelações que assume no âmbito dos estudos da infância. Dessa forma, o roteiro foi organizado através de três eixos: primeiro, compreender de que proposta nasce o grupo de pesquisa; segundo, como se articula com a tríade ensino, pesquisa e extensão e a importância que o NUPEIN assume nessas esferas; por último, identificar quais os temas emergentes frente a todo esse contexto atual de desmonte da ciência e ataques à Universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil. Formação de professores. Pesquisa em Educação.

ABSTRACT

The interview presented was conducted with Professor Dr. Eloisa Acires Candal Rocha, who is currently a retired professor at the Federal University of Santa Catarina and is one of the founding researchers of the Center for Studies and Research on Early Childhood Education. The central agenda of this interview goes through addressing the role of the research group from its founding principles, its origin in the undergraduate course, and its history as part of the inauguration of a field in research in education, from early childhood education to the interrelationships it assumes in the childhood studies. Thus, the script was organized along three axes: first, understanding what the research group was born from, secondly, how it articulates with the teaching, researching and extension triad and the importance that NUPEIN assumes in these spheres, and lastly, to identify which themes are emerging in the face of this current context of dismantling science and attacks on the university.

KEYWORDS: Child education. Teacher training. Education Research.

INTRODUÇÃO

A entrevista aqui apresentada, realizada com a Professora Dra. Eloisa Acires Candal Rocha, compõe o dossiê comemorativo que celebra os 30 anos de pesquisa sobre a Educação Infantil do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN). A Professora é uma das pesquisadoras fundadoras do Núcleo, tendo uma contribuição fundamental na sua constituição, bem como na produção científica da Educação Infantil e suas interlocuções disciplinares, dedicando-se aos estudos e pesquisas de crianças em contextos educativos.

Eloisa atuou, principalmente, ao longo de sua carreira docente, como professora do Curso de Pedagogia, na área de Educação da Criança de zero a seis anos. Concluiu o Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, em 1999, e, em 2004, realizou estágio pós-doutoral no Instituto de Estudos da Criança (IEC), na Universidade do Minho, Portugal, no qual aprofundou estudos sobre a Sociologia da Infância. Em 2011, realizou estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro junto ao Grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (INFOC). Atualmente, é Professora aposentada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Com um roteiro previamente elaborado, a entrevista foi realizada por vídeo chamada, de forma *online*, em janeiro de 2021, por Fabiana Duarte e Juliana Lessa. A pauta central desta entrevista perpassa por abordar o papel do grupo de pesquisa desde seus princípios fundadores, sua origem no curso de graduação e sua história como parte da inauguração de um campo na pesquisa em Educação, da Educação Infantil até as interrelações que assume no âmbito dos Estudos da Infância.

Considerando a abertura de uma frente de pesquisas que o NUPEIN inaugurou sobre a infância no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC), mantido até hoje, este dossiê comemorativo busca resgatar essa

história destacando aspectos decisivos dessa trajetória para a efetivação de um campo de investigação no Brasil.

Sendo assim, o roteiro desta entrevista foi organizado de forma aberta em torno de três eixos: as bases iniciais da proposta que dá origem ao grupo de pesquisa; a articulação da tríade ensino, pesquisa e extensão e o papel que o NUPEIN assume nessas esferas; por último, a identificação dos temas emergentes frente ao atual contexto de desmonte da ciência e ataques às Universidades.

EIXO I: CONCEPÇÃO ORIGINAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA EDUCAÇÃO NA PEQUENA INFÂNCIA (NUPEIN)

Fabiana e Juliana: Professora Eloisa, você poderia nos contar um pouco sobre de que proposta, inicialmente, nasceu o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN)?

Eloisa: Queria lembrar vocês que o núcleo, em sua origem, era um grupo pequeno de estudos e pesquisas em educação de crianças de zero a seis anos, e não nasceu vinculado ao programa de pós-graduação. Nós éramos professores mestres que ainda não atuávamos com pesquisa, num momento que também não existia a linha de pesquisa da infância na Pós-Graduação em Educação da UFSC. Hoje, parece estranho falar isso, mas até 1990 e 2000, não tínhamos grupos de pesquisa consolidados no CED. Havia linhas de pesquisa já definidas e, inicialmente, os professores que atuavam com Educação Infantil integravam a linha de formação de professores. O NUPEIN, então NEE0a6 (Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos), como grupo de estudos e pesquisas, na verdade, nasceu como um grupo de formação.

Para recuperar essa origem, vou tentar situar um pouco a minha entrada e chegada na UFSC. Chego aqui como mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação. Como bolsista de mestrado, na época, nós tínhamos a obrigatoriedade de ter uma cota de ensino na graduação com horas-aula. E não era uma carga horária pequena, eu era bolsista de APG (aluna de pós-graduação), responsável por 20 horas-aulas semanais na graduação. Eu vinha de uma trajetória de dirigente de sistema de educação pública, pois fui coordenadora da educação pré-escolar do estado do Paraná e, antes disso, trabalhei nas creches do município de Curitiba, como coordenadora pedagógica de creches. Então, a minha trajetória, até encontrar com a trajetória dos dois principais professores que vieram a integrar o NEE0a6, do Josué (João Josué da Silva Filho) e da Bea (Ana Beatriz Cerisara), foi de um trabalho na formação continuada,

junto à formação de professores da rede, sendo também uma professora da rede, eu tinha esse compromisso com a formação dessas profissionais. Nesse processo como formadora, inicialmente, atuava com um enfoque relativo à Educação Infantil com os processos de alfabetização. Posteriormente, com o envolvimento na pesquisa de mestrado é que fui compreendendo a necessidade de diferenciar os processos educativos envolvidos na Educação Infantil, não restritos à alfabetização das crianças. Estou contando isso, porque quando eu chego na UFSC como aluna de pós-graduação e professora horista, eu desejava fazer um grupo de formação, pois, de início, já senti a falta do contato com professores da rede, ainda que houvesse estudantes do curso que também já fossem professoras atuantes da rede pública municipal de Florianópolis e região. Antes de dar aula na UFSC, também fui assessora da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Florianópolis, na gestão da secretaria de educação da professora Telma Piacentini. Atuei com uma assessoria que se referia às relações institucionais entre a pré-escola e o ensino de primeiro grau (como se chamava na época). Permaneci apenas um ano nessa assessoria da secretaria e, por razões pessoais e por conta do mestrado, tornou-se incompatível conciliar todas essas funções, mas isso me permitiu um conhecimento do sistema de ensino daqui e uma aproximação com as realidades e profissionais locais. Então, desse contato com as pessoas da Rede Municipal de Educação de Florianópolis, fortaleceu-se o desejo de trabalhar na universidade de forma articulada com a formação de professores da rede pública. Trabalho que já vinha acontecendo junto à rede, com a professora Ana Beatriz, efetiva da área de Educação Infantil da UFSC desde o início dos anos de 1980. Foi daí que, na atuação como professora no MEN (Departamento de Metodologia de Ensino), atuando na área de educação pré-escolar, sentia falta dos grupos de formação, com discussão coletiva, colegiada e que trouxessem problemáticas do cotidiano para a reflexão teórica. O ensino na graduação foi um espaço diferente de atuação, na formação inicial de professores. Enfim, houve uma grande necessidade de constituir um grupo de formação que pudesse pôr em relação estudantes do Curso de Pedagogia e profissionais atuantes com crianças na Educação Infantil. Assim, foi criado um grupo de formação no MEN, com professoras da rede e professoras do NDI/UFSC (Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC). Era um grupo relativamente pequeno, com 10 a 15 pessoas, onde tínhamos como objetivo discutir questões da prática pedagógica e definir fundamentos de uma ação educativa com as crianças pequenas. Nessa época, os apelos eram grandes para a discussão sobre as diretrizes da política, pois era um momento da definição do texto para a Assembleia Constituinte e, depois, da própria Constituição de 1988. Nessa

frente, a Professora Ana Beatriz era quem estava mais envolvida nas discussões nacionais da política de formação e da Educação Infantil, junto aos movimentos das universidades e da ANPED nacional, onde já existia o GT7 – Educação de 0 a 6 anos.

Destaco que em todas as frentes de atuação a atenção às dimensões contextuais, sociais e históricas para a reflexão sobre a educação das crianças sempre esteve na base das buscas de estudos e pesquisas do grupo, desde sua origem, sendo um ponto comum entre os pesquisadores que foram constituindo o núcleo.

Seja na graduação, seja na formação continuada, vínhamos num esforço de construir parâmetros para uma ação educativa junto às crianças que tomasse as dimensões contextuais de sua educação, para além de aspectos isolados de seu desenvolvimento e aprendizagem. Lembro que começávamos todos os grupos de formação a partir de uma figura de uma criança e, no seu entorno, a denominação das diferentes dimensões envolvidas no processo educativo: sociológica, biológica, antropológica, psicológica, entre outros. Daí vinha a consolidação de uma primeira ruptura com a tradição de se tomar a psicologia do desenvolvimento clássica, para orientar a educação das crianças. Tive a experiência como professora da periferia de Curitiba, em que recebia da coordenadora uma tabela de desenvolvimento da criança para traçar meu planejamento e me questionava se aquela criança real era a mesma do papel. Dessa experiência muito visceral e não só de uma teorização prévia, é que se trazia para a formação uma busca da inclusão das dimensões contextuais da infância, para além dos manuais de Psicologia, e traçar uma Pedagogia para essa criança.

No entanto, quando chego com essa intenção na UFSC, tenho o prazer e a sorte de encontrar a Professora Ana Beatriz Cerisara, já veterana da área de Educação Pré-Escolar na graduação e com um longo trabalho, de mais de 10 anos, com a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Ela já tinha um envolvimento na elaboração dos documentos da rede e de formação dos quadros de profissionais, ainda em fase inicial de implantação. A própria rede municipal tinha documentos orientadores muito pautados na psicologia piagetiana, onde Bea tinha uma formação inicial mais sólida. Então, tínhamos um pouco essas diferenças de trajetória, que engrandeciam muito os estudos e debates no grupo. Ela tinha todo um trabalho com a rede de desconstrução de uma psicologia do desenvolvimento, mas ela tinha uma formação forte piagetiana e, muitas vezes, nós mesmas brincávamos sobre isso, pois ela colocava o social onde o próprio construtivismo não colocava. Porém, tinha toda uma discussão sobre isso, se Piaget atentava ou não para a dimensão social, mas ela tinha essa formação, digamos, construtivista. Dessa sua forte relação com a formação continuada na rede, o que mais

ela vinha polemizando nos grupos de formação, na formação na rede e no Curso de Pedagogia, onde ela era uma professora militante da Educação Infantil, era de que nós, ao mesmo tempo, desconhecíamos a rede, ou seja, nós queríamos prescrever para as professoras como fazer, e Bea tinha essa crítica, mas, ao mesmo tempo, nós desconhecíamos essa realidade das unidades educativas. Então, ela alertava para esse nosso desconhecimento da realidade educativa e seus contextos sociais, apesar de a rede municipal ser muito pequena nessa época. Ela dizia que tínhamos como referência as instituições que fazíamos os estágios e que sequer percebíamos que havia uma diferença entre as creches dos morros, as do asfalto e as do interior da ilha. Afinal que diferenças seriam estas? Estruturais, materiais, das profissionais, crianças e famílias que habitam estes espaços?

A partir dessas indagações alinharam-se três pesquisadores em estágio de mestrado, incluindo o Professor Josué, que, inicialmente, não estudava a Educação Infantil, mas estava junto na busca de delinear perspectivas e criar problemáticas de estudo. Nessa época, estava conosco, na fundação e início do NUPEIN, a professora Diana Carvalho, que também era mestranda em psicologia e tinha uma perspectiva crítica às orientações psicológicas mais tradicionais de desenvolvimento infantil. Na época, nesse coletivo, fazíamos as primeiras leituras das traduções de Vygotsky trazidas pela Bea, mesmo antes daquelas duas versões da “Formação social da mente” e do “Pensamento e linguagem”, já tinha ingressado no doutorado e foi aluna da Heloysa Dantas e da Marta Kohl. Então, na verdade, tínhamos que fazer muita coisa paralela para poder dar conta das demandas de formação, fazendo, assim, um grupo de estudos até mesmo nas nossas casas, a partir dessas obras do Vygotsky e, também, do Wallon. Assim, nesse início, precisávamos organizar as atividades do grupo para fora, paralelo ao ensino da graduação, aos nossos encontros para estudo dos professores e aos grupos de formação e, ainda, ao nosso trabalho com o NDI/UFSC (Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC), que era de formação continuada e permanente. Para viabilizar essas frentes de atuação, foi que pensamos em constituir um grupo de estudos, que permitisse também iniciar uma primeira pesquisa juntos, mantendo a formação, envolvendo algumas estudantes de graduação, porque alguns fizeram Iniciação Científica. Embora não fosse prática do curso, algumas professoras da Rede e do NDI que participaram do grupo inicial fizeram uma especialização em Educação que o CED ofereceu, que eu não tenho a certeza, mas acho que era de alfabetização. Assim, algumas pessoas que já eram da graduação e que participaram dessa especialização, e dessa origem do Grupo de Pesquisa de Zero a Seis (NEE0a6), desenvolveram pesquisas

iniciais, como, por exemplo: Sonia Jordão, do NDI, que fez, inclusive, a primeira monografia sobre professoras auxiliares de sala de Educação Infantil da Rede Municipal; a Andrea Rivero, que fez sua monografia no grupo; a Sonia Alves etc. Com várias integrantes com formação em Pedagogia, passamos a constituir o grupo, formalizando-o nos departamentos do CED/UFSC e do NDI, com professores de cada um dos departamentos, alguns estudantes e algumas professoras da rede. Considero essa participação um começo bem diferente, porque não sei de outro grupo de pesquisa dentro da universidade que tenha iniciado com essa vinculação tão forte com os professores da rede. Inicialmente, essa vinculação não era formal, ou seja, não era algo feito institucionalmente com a coordenação de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação, sendo que algumas pessoas passaram, ao mesmo tempo, a ser mestrandas e funcionárias públicas municipais, a exemplo de Sonia Fernandes, que posteriormente foi coordenadora da Educação Infantil do município de Florianópolis e foi mestranda. Então, era um grupo pequeno de pessoas que tinham uma relação, muitas vezes, por conta de vínculos com a formação inicial, mas desde sempre teve um grupo significativo de pessoas que se reuniam. Inicialmente, éramos três professores (Josué, eu e a Bea), a Diana, que depois saiu do grupo quando foi fazer o doutorado, a Luciana Ostetto, que era de uma geração mais jovem, mas também esteve um bom tempo vinculado ao grupo. As reuniões começaram de forma sistemática e semanal, onde passamos a fazer um projeto para definir o grupo e criamos alguns eixos de atuação, tendo a formação como eixo principal. Os textos de interesse que chegavam em nossas mãos, bibliografias que não estavam disponíveis, nós socializamos para discutir nesse grupo, numa ideia de compartilhamento do que recebíamos e tínhamos acesso, perspectivando um contexto coletivo de formação.

A partir daquela questão que a Bea havia colocado, do desconhecimento de quem está na universidade e na graduação, do que é a rede pública, onde essas pessoas vão atuar, pensamos em fazer a primeira pesquisa coletiva, que foi sem financiamento. Tínhamos, nesse momento, 40 pessoas vinculadas ao grupo e nos dividimos fazendo uma matriz de pesquisa para conhecer a rede. A ideia foi fazer um certo mapeamento que a própria rede não tinha de si mesma. Então, a pesquisa passava, ainda, por ver quem eram os profissionais da Educação Infantil. Nesse tempo, já era como hoje, em que havia atendimento em meio período e integral, sendo essa a diferença entre NEIM (Núcleo de Educação Infantil Municipal) e Creche (sendo os NEIMs para as crianças maiores e em meio período). Então, levamos aquela hipótese a frente, de que havia uma diferença significativa entre as unidades da rede. Estruturamos a partir daí um

estudo que chamamos de “Diagnóstico da Rede Municipal de Educação Infantil de Florianópolis”, e foi isso que agregou o grupo a uma primeira pesquisa coletiva, visando produzir um mapeamento. Os integrantes do núcleo foram a campo, sendo que nos dividimos e cada um ficou responsável por um grupo de 20 formulários que continha informações básicas, como: faixa etária, formação dos profissionais e sobre a rotina institucional. A última folha era na horizontal e tinha os horários marcados do dia a dia da unidade, como por exemplo: chegada, parque, refeição etc. Sem financiamento, dispúnhamos de horário de trabalho para a saída de campo, mas sem recursos de logística e deslocamento. O material de campo passou a ser nosso objeto de discussão e análise sobre o sistema de educação infantil municipal. Paralelamente, foi sendo necessário formalizações institucionais para avançar na pesquisa, e essa formalização resultou na obtenção de um financiamento do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) para a pesquisa de diagnóstico, mantendo nos objetivos um compromisso com a formação dos profissionais.

Eu penso que o que caracterizou e caracteriza o NUPEIN é esse compromisso com a produção de conhecimento e sua socialização com quem está na ação. Talvez isso que dê uma diferença profunda em relação a grupos que já nasceram na pós-graduação e que usam a rede “apenas” como objeto de investigação, não somente na infância, mas me refiro ao geral.

As ações paralelas de um grupo em consolidação envolviam a formação continuada na rede pública de educação e as salas de aula da Pedagogia, de forma que aquilo que se discutia no grupo era levado para as alunas também.

Nesse início, quando estávamos no auge dessa pesquisa, convidamos a Professora Maria Clotilde Rossetti Ferreira para uma visita ao Núcleo e uma assessoria ao grupo. Sua visita foi fundamental, pois era alguém que já tinha um grupo consolidado como o Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação (CINDEDI/USP), de Ribeirão Preto, o qual ela coordenava, um dos primeiros grupos de pesquisa brasileiro com atenção ao desenvolvimento infantil e educação das crianças, compromisso científico e preocupação com a prática pedagógica. O CINDEDI, já nessa época, vinha desenvolvendo processos e instrumentos de investigação com base em sua tradição de pesquisa na psicologia. Com a experiência de pesquisa coletiva, Clotilde nos deu orientações sobre como consolidar iniciativas individuais de pesquisa em pesquisas conjuntas. Indicou, por exemplo, que precisávamos ter eixos de investigação onde novos integrantes pudessem vincular seus projetos de pesquisas individuais. Elas precisariam se agregar em eixos e nós tínhamos que aproveitar a pesquisa coletiva para

desdobrar em estudos e em relatórios consolidados teoricamente. Então, foi ela quem nos deu essa primeira orientação, que passou a ser uma busca na nossa trajetória, ter um conjunto de dados organizados de informações, os quais serviriam para vários trabalhos, ou seja, seria a base para estudos com várias dimensões e aspectos analisados por diferentes pesquisadores sob um mesmo grupo de dados. Após a vinda dela foi que nós fizemos uma primeira organização do grupo em três eixos, que eu considero que não mudou muito ao longo do tempo: um eixo para estudo sobre a prática pedagógica; um eixo sobre história e política da educação infantil; outro eixo era da formação de educadores (inicial e em serviço). Esses três eixos sempre nos acompanharam, a pedagogia, a política e a formação. Todo o nosso esforço era de aprofundamento e ampliação desses três aspectos. Inicialmente, vinculava-me aos estudos de formação, mas depois acabei me dedicando aos delineamentos teóricos do campo, construindo uma crítica da psicologia no sentido de manter aquela ideia de conversar com outras áreas do conhecimento para o estudo da educação da infância. Assim, também nos dedicamos aos estudos da psicologia histórico-cultural, no sentido de ter subsídios para uma relação disciplinar com a psicologia, que dialogasse com uma perspectiva mais contextual do desenvolvimento da criança. Essa ideia de que precisávamos conhecer a situação, o contexto social, a origem, o entorno social como definidor na educação, no sentido de que não existe uma única forma genérica de educar qualquer criança, em qualquer lugar, em qualquer espaço. Então, esse foi um pressuposto que eu trouxe da minha ação como professora, de que temos que saber quem é essa criança.

No Brasil dos anos de 1970/1980, as diferenças sociais eram tomadas, no campo da educação, numa perspectiva um tanto compensatória, mais afirmativa das defasagens do que das diferenças.

Foi um pouco esse o começo. Acho que o principal é destacar essa vinculação da formação na graduação, com a formação em serviço e o início começou num grupo de estudos, que só mais tarde se vincula à pós-graduação, então, foi bem depois que começou a pós-graduação. O NUPEIN formalizou-se entre 1990 e 1991, completando 30 anos agora, mas o grupo de extensão, por exemplo, já existia em 1987, sendo dois, três anos antes. Já na pós-graduação, nós entramos como um núcleo de pesquisa, entramos todos credenciados na linha de ensino e formação, onde atuávamos Bea, eu, Josué e Diana. Quando houve a mudança da estrutura do PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação), já estávamos no mestrado e, quando nós entramos para o programa foi, talvez, 2002, 2001.

Juliana: A entrada nesse ano para o programa de pós-graduação foi pela linha da formação ou já havia a linha da infância?

Eloisa: Sim, pela linha da formação de educadores. Nós nos credenciamos para entrar e chegavam várias pessoas nos processos de seleção que conheciam o grupo das formações continuadas ou egressos da graduação. Como estávamos inseridos na linha de formação, os projetos sobre a Educação Infantil acabavam por ter que se ajustar aos temas da linha. Depois, com uma significativa demanda de projetos envolvendo a Educação Infantil, passamos a orientar somente essas temáticas e, gradualmente, foram atuando aí outros pesquisadores que estudavam a infância na escola fundamental. Com um adensamento de pesquisas em torno da infância na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, paralelamente aos aprofundamentos do grupo em torno dos princípios dos estudos da infância, foi se tornando urgente a constituição de uma linha independente, que foi definida como: Educação e Infância.

EIXO II - ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Fabiana: Professora Eloisa, como você vê a articulação do NUPEIN com a tríade ensino, pesquisa e extensão, com particular atenção para a extensão?

Eloisa: Como já descrevi anteriormente, a principal marca do grupo desde sua origem, foi um forte envolvimento com o sistema público de Educação Infantil, em particular, com a formação continuada. Daí também surgiu a ênfase das pesquisas pautadas num maior conhecimento do sistema, num momento em que não havia estudos focados nas crianças. Ainda que esse já fosse um propósito de estudos do grupo, havia um desconhecimento sobre a criança nos contextos reais de atuação da rede pública. As investigações iniciais foram mais centradas na sua estrutura de atendimento, seus profissionais e sua formação.

Talvez, seja bom lembrar que foi nesse período que houve a intensificação das ações dos professores vinculados ao NUPEIN com estágios da graduação, em paralelo ao ingresso na pós-graduação, na linha de Educação e Infância, onde foi criada a revista *Zero-a-Seis*. Em formato eletrônico, o periódico nasceu da nossa vontade de socializar com toda a rede municipal as experiências de estágio curricular em Educação Infantil do curso de Pedagogia, que vinham sendo realizadas em algumas unidades de educação infantil, já que acabávamos realizando-os sempre em determinadas unidades onde criávamos vínculos, tínhamos o acesso e envolvimento na formação. Os estágios mantinham também uma vinculação com a pesquisa, no sentido de demandar temáticas

que fossem geradas nas práticas cotidianas. Assim, a revista surgiu para socializar as experiências do estágio da graduação, e depois foi expandindo para inclusão de artigos resultantes de pesquisas do grupo. Hoje, destaca-se como uma revista acadêmica e integra o portal de periódicos com uma significativa circulação e avaliação.

Outra ação que foi sistematizada no âmbito da extensão, foi o Ciclo de debates em Educação Infantil, ainda em desenvolvimento, tornando-se a ação de formação mais efetiva e permanente desde a formalização do grupo como NEE 0 a 6. Nos Ciclos eram socializadas as pesquisas, tal como é feito até hoje e, em alguns momentos, foram com eventos grandes, com 250, 300 pessoas, num período em que a própria rede não estava com a sua dinâmica de validação de formação interna e, ainda, não tinha no Núcleo de Formação próprio. Todavia, para a progressão de carreira dos professores do município havia a exigência de número de carga horária de formação, então, acabou que por um tempo o NUPEIN ficou sendo um *lócus* dessa formação, e as profissionais buscavam formação, mas também essa certificação. Com um financiamento temporário e um reconhecimento do Ciclo de Debates como um espaço de retorno da Universidade para a sociedade, eram servidos cafés e lanches nos intervalos, permitindo uma socialização e um momento de convivência e conversa entre pares. Porém, a infraestrutura e apoio logístico sempre foram precários. Os integrantes permanentes do grupo (professores e estudantes) faziam tudo “no braço”: compra, carregar cadeiras, controlar a frequência, e ainda subíamos e fazíamos a conferência do dia (risos).

Na Universidade desse momento, dos anos 1990 até início dos anos 2000, pelo menos na área da Educação, tínhamos um espírito de compromisso público muito grande, não passava pela nossa cabeça qualquer ação do grupo de pesquisa que não fosse realizada de forma colaborativa e socializada no coletivo. No entanto, nas reuniões de estudo, com grupos menores, livres e abertas à participação, começamos a ter alguns problemas de descompasso nos debates teóricos, principalmente, com participantes eventuais e tivemos que limitar as presenças. Alguns textos eram trazidos para leitura e estudo inéditos, até mesmo para nós, e não fazíamos um filtro de autores por sua filiação teórica, mas, sim, por sua inserção temática e possibilidade de contribuir para o debate dos objetos de estudo, compreender visões antagonistas e colocar em confronto bases epistemológicas distintas. Infelizmente, nem sempre, paradoxalmente essa posição é comum no meio acadêmico. Aprende-se a buscar verdades e não a confrontação e o diálogo intelectual. Nesse sentido, passamos por algumas dificuldades internas relacionadas às divergências quanto às filiações teóricas de autores lidos no grupo, críticas exasperadas e conflitos, que geraram num fechamento do grupo apenas

para orientadores e orientandos. Por outro lado, também, com a instalação das sistemáticas de avaliação dos programas de pós-graduação, nos deparamos com o dilema de não ser permitido o registro de pessoas externas e de haver um limite de pessoas nos grupos de pesquisa, isso foi dificultando a presença oficial de outros membros, como, por exemplo, professores da rede. Mesmo no registro de projetos de pesquisa e extensão junto aos departamentos, não havia espaço para colocar o grande número de pessoas da rede que trabalhavam e participavam.

Inicialmente, nossas reuniões tinham uma frequência semanal, depois passou a ser quinzenal e, ainda, passou a ser mensal, devido ao aumento das demandas de orientação individual e pesquisas. Antes da consolidação na pós-graduação, havia no grupo muita gente envolvida. Considero que alguns enquadramentos estruturais dos programas acabaram por nos afastar daquilo que foi a nossa origem, com foco num trabalho vinculado em todas as suas dimensões, à formação dos professores da rede pública. Felizmente, tivemos muitos professores da rede que foram para o mestrado e doutorado, e essa presença nos manteve com uma vinculação com a realidade educacional local.

Essa preocupação com a formação se mantém como uma concepção geral do NUPEIN, qual seja a produção e a socialização do conhecimento junto aos professores que estão na ação. Em nossas dinâmicas de formação continuada, por exemplo, nós não a entendíamos como meros cursos, mas, sim, como um processo compartilhado de formação. Muitas vezes, isso foi na contramão das expectativas por conteúdos dirigidos e fechados, tal como se vê agora em tempos de formações à distância.

Outro aspecto a se considerar é que a nossa dedicação à formação nos custou uma menor dedicação às publicações, apesar de um grande número de produções científicas realizadas no grupo. Várias vezes privilegiamos a sua divulgação em seminários para a rede, por exemplo, reunindo 300 pessoas no auditório da reitoria e apresentar o relatório da pesquisa do diagnóstico e mostrar para a rede “olha quem vocês são”, em detrimento de organizar uma publicação.

Então, acredito que acabamos negligenciando um pouco na socialização daqui para fora, ficamos muito preocupados com a formação e nos dedicando muito à orientação. É aí que algumas publicações externas aproveitaram essa lacuna, de que nós trabalhávamos muito e publicávamos pouco, e publicaram por nós, o que nós fazíamos no interior do grupo, foram organizados diversos livros com pesquisas realizadas no NUPEIN, incluindo pesquisas de orientandos egressos.

Juliana: Daria para dizer que essa menor dedicação à publicação, digamos assim, também ocorria em um momento específico, de acúmulo de pesquisa na área? Vocês estavam consolidando a entrada da pesquisa da infância na pós-graduação, orientando várias pessoas e mesmo dentro da Rede, contribuindo na definição de diretrizes para o sistema e escrita de documentos importantes, então, as publicações são bem relativas, pois, de fato, elas não estão institucionalizadas como hoje, são quantificadas, mas estavam em outras esferas de preocupação.

Eloisa: É claro, participamos muito da elaboração de documentos oficiais em âmbito nacional, estadual e municipal, que, mesmo sem caráter autoral, exigiram muito trabalho, participando de todos os movimentos nacionais pela Educação Infantil, tanto a Constituição quanto depois. Entre a Constituição e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), eu não me recordo de um mês que não tenhamos ido a algum evento para debater. Tínhamos uma contribuição marcada devido a nossa aproximação com a Rede, o que poucas Universidades tinham, e acabávamos tendo esse espaço de legitimidade. Recentemente, assisti uma *live*¹ da Lica (Maria Carmem Silveira Barbosa) com a Sílvia (Sílvia Cruz) sobre as novas orientações de formação, onde foi feito um levantamento sobre como está hoje a Educação Infantil nos Cursos de Pedagogia. A UFSC acabou não sendo incluída e isso foi um ponto positivo, pois ela destoa em termos curriculares, número de disciplinas, por exemplo. Nessa mesma *live* disseram que na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) o estágio de Educação Infantil não é obrigatório. A UFRGS tem grupos de pesquisa de Educação Infantil e Infância com uma trajetória enorme, e muito mais professores pesquisadores nessa área; há várias disciplinas específicas e o estágio sequer é obrigatório. Talvez, por isso se coloque em questão no debate a possibilidade de retorno das escolas normais para formação de Educação Infantil, porque, de fato, depois de tudo que foi feito nos últimos 20 anos, o Curso de Pedagogia não parece dar conta de formar ninguém para a atuação com as crianças.

Aqui nós temos uma visão muito voltada para o curso da UFSC, ainda que eu não acredite que hoje esteja feito da forma que era há 10 anos atrás: perdemos em unidade no eixo da infância dentro do curso (de Pedagogia da UFSC), permanece lá no esqueleto do currículo, mas não há uma mesma coesão de formação de um grupo de professores

¹ Canal *Youtube*: GT07 ANPED. Diálogos temáticos do GT07 "Educação de crianças de 0 a 6" com a Educação Infantil - Políticas Curriculares e formação dos profissionais da educação: desafios e perspectivas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WkpIIDUqb4E&ab_channel=GT07ANPED.

que atua em conjunto na Rede. Acredito que isso está se refletindo muito na Rede, porque era uma tradição de um trabalho da Educação Infantil que possuía sua própria forma de atuar na Rede. Creio que isso se perdeu com a expansão da Rede e com as mudanças nos quadros de professores, no esvaziamento da linha na Pós-graduação (da UFSC) etc.

Fabiana: Eloisa recorde-me de quando entrei na Rede, há 10 anos mais ou menos, pensando que, mesmo que historicamente seja pouco tempo, de certa forma é um tempo considerável tendo em vista as mudanças que ocorreram nesse período. Fazendo um comparativo dessa época de quando entrei, percebia tudo isso que você fala, essa organicidade que existia entre UFSC e Prefeitura (Rede), era perceptível observar isso nas profissionais que chegavam vindas da UFSC. Uma grande parte de estudantes do curso de Pedagogia da UFSC hoje está na Rede, existindo um reflexo daquilo que tínhamos construído enquanto conhecimento da área durante a graduação, em nossas ações educativo-pedagógicas com as crianças. Já hoje, tendo profissionais que estão chegando, vindas de outras universidades e ainda muitas da UFSC, existe uma disparidade muito grande de compreensão em torno da infância, da criança e da Educação Infantil. Como você vê essa questão?

Eloisa: Sim, esse processo de trabalho conjunto foi muito caro para nós, a construção de um projeto comum, da formação às diretrizes e práticas, em torno de uma pedagogia da infância e da educação infantil.

Hoje, vemos um projeto hegemônico pautado no ensino e em objetivos de aprendizagem, que ganhou espaço por influências de organismos de financiamento e imposições regidas por padrões de avaliação de ensino, que acabou se impondo também na Base (Base Nacional Comum Curricular - BNCC), e juntou um pouco “a fome com a vontade de comer”, no sentido de reafirmação de antecipação da escolarização para crianças menores de sete anos de idade.

A crítica à Educação Infantil como escola perdeu espaço quando, num contexto acadêmico em disputa, impôs-se exigências de currículo único e pautado em conteúdos de aprendizagem. O envolvimento de pesquisadores nesse processo de definição da BNCC não foi suficiente para manter princípios da brincadeira, interação e linguagem como centrais para a educação das crianças antes do Ensino Fundamental.

Por outro lado, vimos um esvaziamento da formação inicial nos Cursos de Pedagogia, como mostra a Sílvia Cruz nesse último levantamento, com cursos que se chamam de Pedagogia em Educação Infantil e Anos Iniciais, mas têm apenas uma disciplina de Educação Infantil durante quatro anos e meio, com estágio sendo opcional.

Realmente, o retrato que ela mostra é completamente outro como daquele trazido na tese da Moema². E faz tão pouco tempo, acredito que uns seis ou oito anos. Depois da reforma nacional das Diretrizes dos Cursos de Pedagogia e já com a Base (BNCC), parece ter havido uma subtração da infância e uma maior entrada das áreas de ensino, havendo mudanças nos cursos para se adequar à Base. Além disso, penso que a quebra de coesão entre a formação e sistema também se deve a uma forte entrada dos cursos de formação à distância e a diversificação das origens dos docentes que vieram atender à ampliação da rede, com orientações curriculares distintas daquelas definidas localmente.

Sendo uma área nova, um campo científico em disputa, realmente vivemos um longo período no qual conseguíamos levar nosso posicionamento para colocar em confronto com outros grupos brasileiros e internacionais, e eu diria até de influenciarmos esse campo em termos da formação conceitual, tanto no âmbito da formação docente quanto na pesquisa em Educação Infantil no Brasil. Hoje, abro a internet e é engraçado ver tantas páginas com referência a termos que foram inaugurados por aqui: Cultura da Infância, Pedagogia da Infância e muitas outras sobre protagonismo e escuta da criança, fotografia com criança, observação com criança. É curioso! Por um lado, perdemos território em relação ao aspecto curricular, mas o discurso predominante hoje, no campo da infância, incluindo grupos e de pessoas que nem conheço, expressa aquilo que falávamos 30 anos atrás pela primeira vez na área. Então, não tem o nome ali, não tem autoria, até tem gente que utiliza “Pedagogia da Infância”, “Pedagogia da Educação Infantil”, e não sabe nem de onde veio o termo – nós sabemos –, apenas utilizam como algo dado. Eu fico feliz. Por exemplo, essa semana mesmo eu vi uma divulgação de curso de fotografia para professores de Educação Infantil. Como queríamos isso na Rede, como defendemos a importância desse registro de imagens, do foco na criança como parte do planejamento, enfim! Claro que não fomos só nós, a pedagogia italiana veio forte. Muitos desses cursos são orientados, inclusive, pela rede escolar dos italianos, de Reggio Emilia, que estão dando cursos no Brasil. Mas a apropriação de um discurso da participação da criança, de Pedagogia da Infância, da importância da observação e tal, isso não são coisas que

² Refere-se aqui à tese de ALBUQUERQUE, Moema Helena de. **Formação docente para Educação Infantil no Brasil: configurações curriculares nos cursos de Pedagogia**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

vieram dessa influência dos italianos, apesar de coincidir e haver uma aproximação. Houve uma grande expansão dessa área científica no Brasil desde lá!

Localmente, vejo que houve um enfraquecimento da linha da Infância no PPGE da UFSC e das condições para pesquisa, mas, por outro lado, há um crescimento e uma diversificação enorme de dimensões culturais e sociais que envolvem a educação da infância em diferentes grupos de pesquisa na UFSC.

Mas, talvez, eu pudesse fazer um fechamento da reflexão sobre a origem do NUPEIN, penso que seria mesmo importante marcar o sentido do grupo de pesquisa para a formação. Não vejo sentido em grupos de pesquisa que estejam fechados na produção acadêmica, sem compromisso com a formação profissional. Os grupos de pesquisa estão se distanciando muito da finalidade da socialização do conhecimento. Claro que não estou dizendo que as pesquisas têm que ser pragmáticas, não é isso. Mas elas têm que ter o compromisso, qualquer que seja o tema e o estudo, têm que pensar: quais as implicações dessas análises para a educação da criança pequena. Hoje, fala-se por aí sobre compartilhamento da informação, mas eu acho que é socialização do conhecimento e o fortalecimento da formação dos profissionais da área que atuamos, porque, se o conhecimento produzido não serve para informar ao profissional dessa área, nós temos que nos perguntar: para que serve?

Então, eu acho que isso é uma coisa que o NUPEIN se dedicou, que foi fazer pesquisa com esse compromisso, com a socialização e, principalmente, foi assim como ele começou, como uma contribuição para a formação, não de novos acadêmicos, que é o que a maioria dos grupos de pesquisa se dedica, mas para quem está na ponta mesmo. Apesar de que hoje, em 2021, o exercício da atividade de pesquisa encontra problemas graves de financiamento e até de legitimidade em consequência da política nacional que vem resultando em precarização do trabalho docente, ênfase na educação a distância e remota (devido à pandemia de COVID-19), o hibridismo na educação etc. Enfim, nesse momento, os estudos da política educacional têm um caráter pragmático bem relevante, que, talvez, até deixe mais secundarizado estudos mais relacionados à prática pedagógica em si, pois o problema da garantia do direito à educação é mais grave. Ainda, considero que no contexto da pandemia haja uma tendência em acentuar as perspectivas escolarizantes na Educação Infantil, já que são deixadas de lado as dimensões que mais preconizamos a interação, as relações, as brincadeiras!

EIXO III: O CONTEXTO DE PESQUISA ATUAL E TEMÁTICAS EMERGENTES

Juliana: Para finalizar, Eloisa, gostaríamos de ouvir suas contribuições acerca da identificação de temas atuais e urgentes de pesquisa nesse momento que vivemos.

Eloisa: Os grupos de pesquisa não podem ficar num encastelamento e alheios às demandas urgentes e reais. Se eles estiverem vinculados ao compromisso com a educação pública, eles têm que responder alguns temas urgentes desse momento. Eu vejo que há, durante a pandemia, uma questão de um crescimento dos produtos midiáticos para crianças: até outro dia estávamos falando sobre o apelo para as roupas íntimas para meninas (com enchimento e rendas). E há a necessidade de se aliar a grupos para pesquisar, condenar e denunciar isso, porque está havendo um crescimento de apelos ao consumo, ao mesmo tempo em que cresce o número de feminicídios, abusos e violência contra as crianças na sociedade.

O ensino remoto acelera e intensifica os produtos para o público infantil, com apelo na aprendizagem. Por exemplo, eu acompanhei meu neto nas atividades escolares referentes ao que seria um terceiro ano do ensino fundamental de uma rede pública estadual, que contratou uma plataforma de jogos para as áreas de conhecimento. Nessa plataforma, todas as crianças têm um login pelo CPF, e ele joga ali com alguma orientação das professoras e, enquanto isso, vem aparecendo na tela propagandas de produtos para crianças. Não é uma plataforma limpa, mesmo sendo oficial, do Estado de São Paulo, pois veicula propaganda e venda de produtos, desde jogos, até produtos. Então, são questões que estão envolvidas na educação híbrida, que está atendendo interesses econômicos e comerciais e é um assunto muito sério. Nesse caso, as crianças já dispunham dos livros escolares e criaram essa plataforma, além da plataforma das aulas online. Olha quanto produto foi vendido! E, ainda por cima, as famílias buscavam na escola apostilas produzidas para o ensino a distância, com conteúdos que já estavam nos livros que já haviam sido comprados, ou seja, haviam cinco produtos produzidos para o ano. Acredito que vá um pouco por aí, a criação de produtos, a economia girando em torno da educação a distância está violenta.

A outra questão que acho que a pandemia trouxe foi a subtração do convívio coletivo, os problemas de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, as crianças que não fizeram o último ano da Educação Infantil, e ingressaram de forma virtual no primeiro ano. Fiz uma pequena pesquisa online e observei que não temos material audiovisual para as crianças sobre o que é a escola, que comunique de criança para criança a experiência escolar, eu não encontrei nada! Não têm materiais que falem para a criança sobre a escola, tem material que fala sobre a escola para professores, mas dirigido para as crianças não tem. O que encontrei foi o vídeo *O fim do recreio* [de

Vinícius Mazzon e Nélio Spréa, 2012]³, que é um curta metragem de um colega lá do Paraná, uma ficção, onde as crianças estão tomando café da manhã para ir para a escola e passa um noticiário onde o candidato diz “nós vamos acabar com o recreio, vamos dar fim ao recreio”, aí esses dois irmãos vão para a escola e fica nessa questão do fim do recreio. Então, a narrativa é sobre eles conversando entre eles, falando sobre o que farão, os protestos e vai mostrando a escola a partir da ótica de quem está sentado na carteira. Foi o único filme que encontrei de criança para criança mostrando o que é escola. Porque a questão são as crianças que não foram no último ano da Educação Infantil. Além disso, atualmente, temos um grande número de famílias com uma criança só, que não irá ter referência do que é a escola.

Juliana: Pensando sobre isso, lembro-me de um vídeo de professoras da Rede, produzido agora na pandemia, em que gravaram se apresentando e apresentando a escola em que as crianças iriam frequentar no próximo ano, para divulgar para as crianças.

Eloisa: Exatamente, porque é diferente a linguagem da criança contar para outra criança, a gente aposta nisso. Eu acho que é importante a Rede fazer esse movimento, mas como temática de investigação, essa transição do retorno para as crianças pequenas – mesmo quem não vai para o ensino fundamental –. Pensa uma criança que ficou apenas 15 dias no G2, G3, em 2020, e quando voltar para um G4, G5, ou já para um 1º Ano! Então, perdeu o vínculo com as outras crianças, com a instituição e tudo. Esse processo de reinserção, transição, acolhimento, vai ser objeto de investigação, junto aos impactos para as crianças, a ressocialização, porque para crianças, principalmente de famílias menos numerosas, vai ter um impacto bem significativo e envolverá questões de saúde mental e física, como a diminuição de atividade física, o excesso de exposição à tela, porque não tem como, as crianças brincam pela tela, veem filme pela tela, conversam com a família pela tela. No confinamento isso virou o centro da vida delas, e passa a ser um objeto de estudo necessário para o momento.

³ Curta: *O Fim do recreio*. Direção de Vinícius Mazzon e Nélio Spréa, Curitiba, PR, 2012 (17' min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t0s1mGQxhAI>.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

DE VOLTA AO COMEÇO: ORIGENS DE UM GRUPO DE PESQUISA E A CONSTRUÇÃO CIENTÍFICA EM TORNO DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Back to the beginning: origins of a research group and the scientific construction around childhood education

Entrevistada

Eloísa Acires Candal Rocha

Doutora em Educação (UNICAMP)
Professora aposentada,
Universidade Federal de Santa Catarina,
Centro de Ciências da Educação,
Curso de Pedagogia,
Florianópolis, Brasil

thorla2011@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9540-5200>

Entrevistadoras

Juliana Schumacker Lessa

Doutora em Educação
Professora colaboradora
Universidade do Estado de Santa Catarina
Centro de Ciências Humanas e da Educação
Departamento de Pedagogia
Florianópolis, Brasil

julianallessa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3884-8309>

Fabiana Duarte

Doutora em Educação
Professora na Rede Municipal de Educação de Florianópolis
Secretaria Municipal de Educação
Prefeitura Municipal de Florianópolis
Florianópolis, Brasil

fduarte17@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-9329-0830>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Ana Maria Nunes, 118, ap. 301, CEP: 88037-020, Florianópolis, SC, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à entrevistada, professora Eloisa Acires Candal Rocha, pela imensa contribuição na realização do manuscrito.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: J. S. Lessa, F. Duarte.

Coleta de dados: J. S. Lessa, F. Duarte.

Análise de dados: J. S. Lessa, F. Duarte.

Discussão dos resultados: J. S. Lessa, F. Duarte.

Revisão e aprovação: J. S. Lessa, F. Duarte.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 04-06-2021 – Aprovado em: 08-07-2021